

A GAZETA

QUINTA-FEIRA, 14 DE NOVEMBRO DE 1985

OH! CALCUTTA!

O sucesso em
Vitória,
15 anos
depois

Em cartaz até hoje na Broadway, depois de estrear com escândalo, o musical erótico Oh! Calcutta! reunia sketches de nomes famosos como John Lennon, Samuel Beckett, Sam Shepard, o crítico Kenneth Tynan, os roteiristas David Newman Robert Benton (diretor de Kramer x Kramer) que expunham suas fantasias sexuais prediletas. Em Vitória também é sucesso: só há camarotes (poucos) para amanhã, sábado e domingo. O produtor Giba Um diz que "abrasileirou" o original, porém respeitando as exigências contratuais. A coreografia do espetáculo é de Marilene Amaldi, com cenário de Gianni Ratto e direção de Kiko Jass. Mas o elenco é de viagem. Ficou em São Paulo o que fez a peça durante um ano



Uma garantia o público pode ter. Se o elenco é de viagem-para-o-interior, o texto tem a assinatura de gente do primeiro time: Kenneth Tynan, que era na década de 50 um dos mais irônicos e famosos críticos de teatro do mundo, o beatle John Lennon, o dramaturgo Samuel Beckett (Esperando Godot), Leonardo Melfi (que trabalhava com Antonioni), a dupla David Newman e Robert Benton, roteiristas do filme Bonnie e Clyde, Jules Feiffer (desenhista de história em quadrinhos e autor de Pequenos Assassinos), e o então desconhecido Sam Shepard (agora favorito beat, autor de Paris Texas).

Era 1970 e a repressão corria solta no mundo inteiro, o movimento hippie se esfacelava e a violência urbana era a tônica. Oh! Calcutta!, um espetáculo irônico com música de Robert Dennis e Stanley Walden, pretendia, através de várias cenas de nudez (indispensáveis num espetáculo em que o sexo é o fio condutor temático que liga os sketches), ironizar a mania do conformismo da classe média — justamente a mais interessada no

espetáculo, em São Paulo, no Rio e em Vitória.

O espetáculo, estreado há um ano em São Paulo, passou por um processo de "abrasileiramento", diz o produtor Giba Um. "Não quero dizer que tudo termine com o elenco gritando 'Oba!' e 'Bahia!'. Mas o espetáculo ganhou um pé na revista, embora, basicamente, cumpramos as diretrizes da montagem original, de acordo com as exigências contratuais. Só trocamos os nomes próprios para aproximar mais a ação do brasileiro.

A direção é de Kiko Jaess, com coreografia de Marilene Ansaldi e cenários de Gianni Ratto. Na Broadway, há 15 anos, quando estreou, a peça chocou: quando abriu a cortina, todo o elenco comparecia ao palco vestido tradi-

cionalmente, despiu-se com naturalidade e vestia um robe branco. A seguir, de frente para a platéia, tendo como background musical e visual a canção-tema e projeção de slides coloridos do elenco em tela panorâmica ao fundo, cada um dos atores, sucessivamente, executava um número de dança enquanto despiu o robe. Ao fim de 15 minutos, homens e mulheres estavam nus e executavam um rock. A partir daí, em número de dois ou em conjunto, sucediam-se os sketches humorísticos e os quadros musicais, de dança e interpretações vocais. O texto nada tem de erótico, tendendo mais para a sátira e para o humorístico.

Kenneth Tynan explicou como teve a idéia:

— Convidei alguns autores de minha predileção para dramatizarem suas fantasias sexuais ou suas observações sobre o tema sexo. Não os obriguei a escrever, como ninguém é obrigado a ver a peça. Tudo que desejei foi realizar alguma coisa além do burlesco, em inteligência e sofisticação.

Em qualquer caso, por que motivo o prazer sexual deve limitar-se ao contato físico entre duas pessoas e não pode derivar-se também de sensações visuais ou outras? Não estou, evidentemente, sugerindo que o voyeurismo e as fantasias sexuais substituam a atividade sexual comum. Mas é claro que eles, com toda a certeza, suplementam e ampliam o campo da fruição sexual. Oh! Calcutta! representa a configuração de uma procura da felicidade através do sexo, embora tenha alguns números que possam alarmar a audiência, da mesma forma que divertí-la.

Caderno
Dois

A estréia, na Broadway, em 1970: um escândalo e depois sucesso contínuo até hoje